

## Conservadorismo, neoconservadorismo e bolsonarização

*Conservatism, neoconservatism and bolsonarization*

---

Elizabeth Christina de Andrade Lima  
Isabelly Cristiany Chaves Lima

---

### **Resumo**

Este artigo propõe um recorte analítico, a partir da produção teórica da Sociologia contemporânea, na tentativa de realizar uma reflexão sobre os conservadorismos (no plural) do Brasil hodierno. Busca-se compreender as especificidades da emergência do neoconservadorismo e o processo de “bolsonarização”, compreendido como uma teia de determinações estruturais e conjunturais, reconhecendo os pontos de regularidades, os denominadores comuns, que produzem a unidade simbólica, como também os pontos de fugas e as peculiaridades inerentes a tal processo, para apontar que, de fato, é possível afirmar que, no campo da cultura, das práticas sociais e da cultura política, o Brasil vive sob a égide de um neoconservadorismo que ajuda a “alimentar”, e até mesmo justificar, várias das ações do atual governo.

### **Palavras-chave**

Conservadorismo; Neoconservadorismo; Bolsonarização.

### **Abstract**

This article proposes an analytical approach based on the theoretical production of contemporary Sociology, to reflect on the conservatisms (plural) of modern Brazil. It seeks to understand the specificities of the emergence of neoconservatism and the process of bolsonarization – understood as a network of structural and conjunctural determinations – recognizing the points of regularity, the common denominators that produce the symbolic unity and the points of divergence and peculiarities inherent to this process. To this end, it is highlighted that, in fact, in the field of culture, social practices and political culture, Brazil lives under the aegis of a neoconservatism that helps to “feed” and even justify various actions taken by the current government.

### **Keywords**

Conservatism; Neoconservatism; Bolsonarization.

## Considerações iniciais

Conservadorismo, neoconservadorismo, onda conservadora, liberal-conservador, direita alternativa, bolsonarização. O Brasil tem experienciado, nos últimos anos, um conservadorismo difuso (CUNHA, 2015). As cores verde-amarela e os símbolos nacionais, circulando no dia a dia, são parte de uma estética e uma *performance* que anunciam “[...] a volta dos que nunca partiram” (BARROCO, 2015, p. 623).

Em 2014, os brasileiros elegeram o Congresso mais conservador do período pós-Ditadura Civil-Militar brasileira de 1964-1985 (SOUSA e CARAM, 2014); a expansão demográfica dos evangélicos<sup>1</sup> com a agenda conservadora avançou nos meios de comunicação, na política partidária, no mercado musical, além do vasto crescimento de igrejas pentecostais e neopentecostais<sup>2</sup>; pesquisas comparativas do Ibope de 2010, 2016 e 2018 apontaram a proporção do conservadorismo referente às pautas do casamento entre pessoas do mesmo sexo, da legalização do aborto, da redução da maioridade penal, da prisão perpétua para crimes hediondos e da adoção de penas de morte, e tal conservadorismo apresentou um crescimento de 49% para 54% e, posteriormente, para 55% (TOLEDO, 2018).

As tradições escravocrata, sexista, patriarcal, racista, judaico-cristã, patrimonialista, coronelista, oligárquica, elitista, hierárquica, utilitarista também são ingredientes que produzem e reproduzem o conservadorismo brasileiro, “[...] valores historicamente preservados pela tradição e pelos costumes” (BARROCO, 2015, p. 624).

Cunha (2015) compreende o conservadorismo como parte constitutiva do Brasil, e a novidade da retórica conservadora contemporânea, entretanto, residiria na exponencialidade da articulação e da visibilidade. Nessa esteira, a (re)atualização da

---

<sup>1</sup> Por evangélico entendem-se os três pontos, abordados por Cunha (2016, p. 148-149): “Independente das peculiaridades dos distintos grupos que formam o segmento, os evangélicos brasileiros são identificados, nos estudos da religião, por: (1) uma predominante leitura fundamentalista (literalista) do texto sagrado cristão, a Bíblia; (2) ênfase na piedade pessoal na busca da salvação da alma (influência do puritanismo e do pietismo dos pioneiros missionários que vieram do sul dos EUA do século XIX ao Brasil); (3) frequentes posturas de rejeição das manifestações culturais não cristãs do país (fruto da mesma ação de missionários)”. Houve um aumento de 61,45% no número de evangélicos, entre 2000 e 2010, no Brasil, segundo o IBGE (HENRIQUE, 2017).

<sup>2</sup> Com base nos dados do IBGE, o infográfico apresenta a expansão evangélica no Brasil: em 1991, 9% da população brasileira era evangélica, 83% católica e 8% outras religiões; em 2000, 15% evangélica, 74% católica e 11% outras religiões; e em 2010, 22% evangélica, 65% católica, 13% outras religiões (MARIANI; DUCROQUET, 2017).

linguagem e da estética cumprem com um papel proeminente na adesão aos ideais conservadores, fazendo compreender que não se está apenas diante de um fenômeno reiterado a *continuum*, mas se presencia a produção de identidades e de movimentos políticos específicos.

O atual Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, e, conseqüentemente, a direita alternativa e a bolsonarização (SOLANO, 2018) compõem essa nova gramática e estética, que não surgiram especificamente com Bolsonaro, mas têm nele um protótipo, em consequência, sobretudo, da coalizão composta por neoliberais, neoconservadores, agropecuaristas, ativistas religiosos autoritários e classe média profissional.

Em vista disso, para compreender esse percurso, é necessário perceber, entre outras coisas: 1) a simbiose dos conservadorismos, ou seja, o que é letargia (tradição conservadora, reificação) e o que é novidade (direita alternativa, bolsonarização). É pertinente considerar que 2) a compreensão do conservadorismo brasileiro contemporâneo não pode ser unívoca; os legados de Edmund Burke e Roger Scruton, internacionalmente, ou de Luiz Felipe Pondé e Olavo de Carvalho, nacionalmente, por exemplo, como representantes dos conservadorismos, devem ser problematizados, isto é: pode-se perceber um denominador comum, como a manutenção do *status quo*, mas a emergência do conservadorismo é situada historicamente, leva em conta o contexto social de produção, que vai dos fatores socioeconômicos aos políticos, culturais, como 3) a produção de linguagem, na fusão forma/conteúdo, típica do impacto do mundo *online* (BARTON e LEE, 2015): fluidez, concisão (*memes*), humor, *pós-verdades*, *fake news*, que se concretizam a partir da 4) produção de afetos em comunidades de pertencimento (CUNHA, 2015), que dividem agendas, fabricam subjetividades, produzem formas sociais de comunicação, potencializam pânicos morais, mobilizam o medo, o ódio, a esperança.

Com isso, de modo sistemático, entende-se, neste artigo, o conservadorismo como uma disposição de manter uma ordem social, um sistema político, uma cultura, uma tradição jurídica (SCRUTON, 2014) como modos de vida naturalizados, valorizando as instituições consagradas; e o neoconservadorismo como a radicalização do fenômeno, a visibilidade das forças reacionárias, a irrupção do fundamentalismo religioso, o apelo à ordem, o controle social, o contraponto às forças inovadoras, já que o passado é visto com um refúgio ideal (sólido, previsível) e o futuro é lido como uma ameaça (líquido, incerto).

Sendo assim, a proposta não é fazer uma relação entre diferentes momentos “evolutivos” do pensamento conservador brasileiro, uma vez que o conservadorismo atravessa toda a história brasileira e, empiricamente, pode-se afirmar que se faz presente tanto na esquerda quanto na direita, de modo mais residual ou mais efetivo, respectivamente. Além disso, entende-se que há uma variedade de esquerdas e direitas, uma vez que se trata de dinâmicas sociais cuja instrumentalização em tipos ideais e fixos deixa escapar devires.

Propõe-se, portanto, realizar um recorte analítico, a partir dos principais representantes do conservadorismo hodierno, como Luiz Pondé e Olavo de Carvalho, para sistematizar a ideologia conservadora, partindo da premissa de que se trata de um fenômeno plural, heterogêneo.

Busca-se, ainda, compreender as especificidades da emergência do neoconservadorismo no Brasil contemporâneo e o processo de “bolsonarização”, conceituado por Solano (2018). É importante salientar que se trata de um ponto de vista interpretativo, uma vez que o fenômeno é complexo e está enredado em uma teia de determinações estruturais e conjunturais, ativando os pontos de regularidades, os denominadores comuns que produzem a unidade simbólica, como também os pontos de fugas, as peculiaridades.

Para tanto, as reflexões teóricas da produção sociológica contemporânea de Barroco (2015), Luís Cunha (2015), Magali Cunha (2016), Alencar (2015), Lacerda (2019), entre outros, ajudam a compreender, empiricamente, que o conservadorismo brasileiro contemporâneo é múltiplo, e, portanto, os mapas conceituais não são estanques e dialogam com categorias como a direita, o neoconservadorismo, a bolsonarização, tensionadas na realidade concreta.

### **Com quantos conservadorismos se faz o conservadorismo no Brasil contemporâneo?**

Narrar o fluxo cotidiano, à medida que os fatos vão ocorrendo, é uma tarefa complexa. A proximidade temporal, a pujança da subjetividade e dos afetos do pesquisador e a pouquidade das reflexões ainda em processo de construção teórica podem obstaculizar análises mais apuradas. Destarte, compreender o conservadorismo contemporâneo brasileiro é uma dessas tarefas complexas que se faz observando o passado, mas sem perder de vista o presente e seus efeitos futuros.

Além disso, o conservadorismo é um fenômeno dinâmico que requer um esforço qualitativo que se distancie das simplificações autoexplicativas, dos lugares-comuns, e parta para uma construção que combine fatores sócio-histórico-político-

psico-culturais, dialogando com a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Filosofia, a Religião etc.

O conservadorismo é componente típico das relações cotidianas, da consciência imediata, segundo Iasi (2015). Nestes termos,

O conservadorismo não é um desvio cognitivo ou moral, não é fruto de uma educação malfeita ou de preconceitos vazios de significado. O conservadorismo é uma das expressões da consciência reificada, nos termos de Lukács, ou do chamado senso comum, nas palavras de Gramsci, isto é, é uma expressão da consciência imediata que prevalece em uma certa sociedade e que manifesta, ainda que de forma desordenada e bizarra, os valores determinantes que tem por fundamento as relações sociais determinantes. (IASI, 2015).

É imprescindível esclarecer que o conservadorismo e o posicionamento ideológico e partidário à direita possuem uma relação intrínseca. A polaridade direita e esquerda não se tornou obsoleta, mas tem se atualizado e necessita de um olhar atento. Scheffer (2014, p. 03) destaca que o significado substantivo da díade não é um dado *a priori*, autoexplicativo: “[...] o fato é que poucas terminologias ganharam tamanha dimensão [...] embora curiosamente poucas sejam tão repletas de significados tão ambivalentes”.

Assim a polaridade que etimologicamente tem um conceito de conotação topográfica, ultrapassa a espacialidade para assentar-se também tanto em perfis político-ideológicos quanto em norteadores do comportamento. Feres Júnior (2017) destaca que, em situações concretas, os termos são usados frequentemente como insultos. Ou seja, não são neutros, mas carregados de historicidade, de ideologia e de discursividade que não podem ser negligenciadas.

Para ilustrar os significados históricos dos conceitos, Scheffer (2014) produz um quadro sinótico em que algumas noções clássicas da dicotomia são explanadas, as quais ainda hoje são importantes para a compreensão da realidade concreta, mesmo após a queda do muro de Berlim e da anunciação apocalíptica do fim da História, das grandes narrativas, da autoria, da religião, do socialismo, da ideologia.

Na tipologia apresentada, pode-se evidenciar que a esquerda possui um caráter cuja retórica aproxima-se da contestação, enquanto a direita apresenta um discurso relativo a manter/conservar a ordem social e política em vigor. Dessa forma, de um lado se levanta a bandeira da igualdade e do outro a da liberdade, e as questões

das desigualdades entre os homens são vistas como naturais ou sociais, respectivamente, direita e esquerda.

**Quadro 1** – Divergências em relação a temas ligados às ideologias clássicas

<b>Esquerda</b>	<b>Direita</b>
A intervenção econômica deve se dar sempre que se julgar necessário.	O Estado deve se abster de questões econômicas já que o mercado se auto-regula como se houvesse uma “mão invisível” orientando esse processo.
A pobreza se dá, sobretudo, por desigualdade de oportunidades. Enquanto problema social, pode ser atacado via programas sociais ou superação da ordem no caso de uma esquerda mais radical.	A pobreza em sua essência é tida como falta de esforço. Dessa forma, sempre existirão ricos e pobres, pessoas mais e menos esforçadas.
A criminalidade pode ser explicada, essencialmente, pela inserção em um contexto social que oferece desigualdade de oportunidades.	A criminalidade é fruto de escolha dos indivíduos, ou seja, de responsabilidade individual dos sujeitos envolvidos.
A carga tributária deve ser extensiva para financiar o Estado e oferecer serviços de qualidade para os que precisarem.	Os tributos são maléficos pois sobrecarregam as empresas e desfavorecem o crescimento econômico.
Defesa de uma ampla legislação trabalhista que normatize o mundo do trabalho.	O mercado de trabalho deve ser desregulado visto que o mercado auto-regula as relações trabalhistas.
Os serviços, sobretudo aqueles estratégicos, devem ser oferecidos pelo Estado.	Buscando diminuir o tamanho do Estado uma boa estratégia é passar para a iniciativa privada serviços que são estatais (privatização).

Fonte: Scheeffler (2014).

No entanto, é importante destacar que os termos *esquerda* e *direita*, por serem situados sócio-historicamente, possuem dinamicidade e plasticidade. Por isso podem acomodar novas questões com o passar do tempo. O feminismo, o ecologismo, o fundamentalismo religioso e o multiculturalismo (SCHEEFFLER, 2014), por exemplo, fazem parte das novas demandas que se acomodam entre a esquerda e a direita, como se pode observar no Quadro 2, abaixo, de Scheeffler (2014).

Quadro 2 – Divergências em relação aos novos termos

Esquerda	Direita
Descriminalização do aborto.	Aborto ilegal.
Liberação do uso da maconha.	Uso ilegal de maconha.
Legalização da união entre pessoas do mesmo sexo.	Proibição da união matrimonial de duas pessoas no mesmo sexo.
Defesa de ações afirmativas para grupos considerados desprivilegiados.	Ações afirmativas tidas como medidas discriminatórias.
Prioridade para a problemática ambiental.	O uso restrito da natureza impede o crescimento econômico.
Religião menos importante.	Religião mais importante.

Fonte: Adaptado de Almeida (2001 apud SCHEEFFER, 2014).

Scheefffer (2014, p. 10) ainda salienta que “[...] as ‘novas’ ideologias, diferentemente, estão mais interessadas na cultura do que na economia. Valores, crenças e estilos de vida das pessoas se sobrepõem à busca por conforto econômico ou justiça social”, uma incorporação das questões pós-materiais, as quais impulsionam uma nova reflexão sobre intervenção estatal em oposição ao livre mercado.

Nessa empreitada, pode-se perceber que uma ampla coalizão de grupos essencialmente preocupados com questões morais e sociais emerge no Brasil. As liberdades pessoais e econômicas, defendidas pelo liberalismo clássico, são postas em xeque. Há um dissenso entre o conceito do liberalismo clássico e aquele que é aplicado pelos neoliberalistas/neoconservadores brasileiros contemporâneos, em uma instrumentalização de dinâmicas sociais, com (de)formidades de conceitos cujos intuitos são políticos, ideológicos.

Assim, a retórica conservadora, no Brasil contemporâneo, é apregoada não apenas por aqueles de “conservadorismo não-elitizado<sup>3</sup>”, mas também pelos que

<sup>3</sup> Holanda (2016) compreende o “conservadorismo não-elitizado” como uma vertente dentro do espectro da direita que amalgama pautas da direita, da esquerda e do centro. Para ela, essa fração da direita defende o capitalismo, especificamente o neoliberalismo, como modelo econômico, vale-se dos preceitos morais tradicionais, aceita os programas de bem-estar social implantados pela esquerda e se

apresentam ares de refinamento intelectual, os autointitulados genuinamente de direita, como Rodrigo Constantino, Luiz Felipe Pondé, João Pereira Coutinho e Olavo de Carvalho, por exemplo, fundamentados, sobretudo, em autores como Edmund Burke, David Hume, Ludwig Von Mises, Friedrich Von Hayek, Roger Scruton e, especialmente, a ensaística de T. S. Eliot, Leo Strauss e Michael Oakeshott (D'AVILA, 2015).

Luiz Felipe Pondé vibra com o que ele chama de fim dos ciclos populistas, a ascensão dos ideais liberais e o renascimento de ideias conservadoras de matriz inglesa: os liberais-conservadores. Pondé (2016b) explica o justaposto, afirmando que se trata de um conservadorismo liberal em moral, cuja retórica se centra na liberdade individual, isto é, “[...] você entende que as pessoas devem ser capazes, uma vez vivendo dentro da lei e pagando suas contas, devem ser capazes do direito de decidir, por exemplo, onde elas vão, com quem elas dormem, o que elas comem, seja lá o que for”; já o conservadorismo liberal do ponto de vista econômico é a defesa do livre mercado como melhor forma de gerar riqueza; e do ponto de vista político é a defesa da constituição, do estado de direito, contra as rupturas democráticas e utopias.

Para o citado autor, há um marco importante na atualidade: jovens de 15 e 16 anos que batem no peito ao se identificarem como de direita (PONDÉ, 2017). Percebe-se, no argumento, que não se está mais diante do estigma de uma “direita envergonhada”. Os ecos de interdiscursos que relacionavam a direita ao período da ditadura brasileira, de modo negativo, não são convocados, e o termo, como instrumento de comunicação, passa a ser ressignificado (a exemplo de Revolução de 1964), carregando afetividade, identificação.

O senso comum que compreendia o liberal como perverso por aceitar que as pessoas morram de fome, já que o mercado comandaria tudo, e que enxergava o conservador como uma pessoa muito católica e bastante careta, de acordo com Pondé, tem perdido espaço. Também tem sido vencida a “Política Imaginativa”, referente à política da experimentação, que molda a realidade a partir de ideias, de projetos utópicos, na figura de grandes líderes, própria de partidos de esquerda (PONDÉ, 2017). Para o filósofo, a prova cabal dessa ruptura com a política da esperança pode ser vista globalmente na ascensão de figuras políticas importantes como Putin, Trump e Dória.

---

vale deles para fins eleitorais, desvincula-se da memória do regime ditatorial e, por fim, é formada por partidos conhecidos como nanicos.

Ao constatar que “[...] a gente alocou na política um aspecto salvacionista, a esperança da redenção” (PONDÉ, 2017), o autor retoma alguns conceitos centrais da pós-modernidade – como a consciência do fracasso, o fim das utopias, o abandono da experimentação e da associação ao universo religioso – na árdua tarefa de moldá-los à realidade dos trópicos brasileiros. Para tanto, a “Política do Ceticismo”, que convencionalmente é chamada de “Política Conservadora”, parece ser o ponto fulcral de quem deposita no ceticismo a esperança. É a elevação paradoxal da Política Conservadora como o único sistema viável, vinda daqueles que criticam a ideia da constituição de vultosos projetos.

Saviani Filho (2016) compreende que se presencia um contorcionismo intelectual com a finalidade manter o *status quo*, preservar os privilégios, salvaguardar as hierarquias, tudo isso com o objetivo de legitimar a ordem social como algo “natural” da evolução histórica.

Pondé (2017), portanto, incorre nos mesmos erros a que se propõe combater. Contesta a percepção caricatural que, segundo o filósofo, a esquerda produziu para a direita. Logo, solicita que se abandone esse pressuposto, a fim de uma compreensão mais alargada, ao mesmo tempo em que defende “[...] abertamente a superioridade de alguns poucos homens – grupo do qual ele, Pondé, aposta fazer parte. Daí os riscos da democracia, sistema político onde todos – superiores e inferiores – podem se manifestar” (VARES, 2015, p. 136) – demonstrando ares de insatisfação da classe média com uma suposta igualdade e descortinando um excesso de moralismo.

[...] não devemos esquecer que a reconfiguração social brasileira, como consequência da inclusão social promovida pelo petismo com a diminuição drástica da miséria, o aumento significativo das taxas de emprego, o crescimento de uma nova classe consumidora, modificando a morfologia das regiões periféricas do país, são elementos muito importantes para levar em consideração na análise do *comportamento social* brasileiro nos últimos anos. Esta mobilidade provocou novos comportamentos nas regiões que, previamente, estavam mais empobrecidas e que conseguiram ter níveis de renda e formalidade maiores e, também, uma reação em boa parte das elites e, sobretudo, das tradicionais classes médias, que pensam seus privilégios ameaçados com a ascensão das camadas populares. (SOLANO, 2018, p. 03-04, grifo nosso).

Essa nova morfologia social impulsionou uma resistência conservadora da classe média tradicional, que “[...] se fechou em bloco contra as políticas sociais promovidas pelo lulismo” (SINGER, 2012), irradiando o conservadorismo por meio de um comportamento social de reação ao processo de ascensão societária de setores que antes estavam estagnados em uma condição de muita pobreza. Singer (2012) frisa que tudo isso é um fenômeno ainda muito recente e não está bem pesquisado, embora seja plausivelmente verificável nas conversas cotidianas, na leitura de um jornal, na nova cartografia dos espaços, como a presença de pessoas de renda mais baixa nos aeroportos, por exemplo, espaços antes considerados exclusivos de pessoas com renda mais alta.

Partindo dessas reflexões, pode-se sublinhar que essas irrupções de ideais conservadores ocorrem em momentos específicos, isto é, quando as instituições consolidadas se sentem ameaçadas. De acordo com Lacerda (2019), há várias possibilidades de se abordar teoricamente o conservadorismo (entre elas: pela teoria aristocrática, autônoma e situacional, baseada em Huntington<sup>4</sup>).

A teoria situacional será a defendida nesta abordagem, uma vez que:

De acordo com essa perspectiva, o conservadorismo é posicional e se desenvolve conforme necessidades históricas precisas. A *ideologia conservadora é produto de intenso conflito ideológico e social*. Ela só surge quando forças sociais que desafiam a ordem estabelecida se tornam relevantes o suficiente para apresentar perigo claro e presente às instituições. O conservadorismo, assim, é *resistência* que existe em um contexto específico, articulada, sistemática e teoricamente elaborada à mudança. (HUNTINGTON, 1957, p. 457-458, 61 apud LACERDA, 2019, p. 25, grifos nossos).

Como se pode apreender, a partir da perspectiva situacional, o conservadorismo é produto de intensos conflitos sociais e ideológicos, e se revela não como “[...] um dado isolado, é parte de um contexto de fortalecimento de posturas

---

<sup>4</sup> “A definição *aristocrática* relaciona o conservadorismo a uma classe social particular (a aristocrática) em um contexto histórico específico de consolidação da burguesia. A teoria *autônoma* aceita que o conservadorismo se apresente em qualquer fase da História, desde que tenha determinadas características - defesa da religião, das tradições e da propriedade, por exemplo. A definição *situacional* argumenta que o conservadorismo existe em contextos específicos, de enfrentamento entre uma posição que quer mudanças fundamentais e outra que quer conservar as instituições vigentes” (LACERDA, 2019, p. 23, grifos do autor).

conservadoras na esfera pública brasileira em geral” (CUNHA, 2016); é favorecido pela moralização com que se trata o direito das mulheres (DANTAS, 2016); é vindo do moralismo das grandes mídias tradicionais, com a dinâmica da espetacularização demagógica da corrupção do Mensalão e, sobretudo, da operação Lava Jato, “[...] numa luta moralista, populista e punitiva contra a corrupção e que não respeita as garantias penais” (SOLANO, 2018, p. 03); em junho de 2013, é fortalecido com a onda performática de protestos de rua, em uma fictícia narrativa de apertadismo e de espontaneidade (DOWBOR e SZWAKO, 2013) e, em consequência, com a quebra da hegemonia do Partido dos Trabalhadores (SINGER, 2013); é advindo também das primeiras manifestações de 2015, em que o discurso de rejeição ao partido político tradicional vai ganhando proporção, com o antipetismo como tônica (SOLANO, 2018); é substanciado pela legalidade jurídica do *impeachment* da ex-Presidenta Dilma Rousseff, que esconde uma trama de Golpe e que tem a elite do dinheiro como “mandante” (SOUZA, 2016), resultando em uma imaginada “politização” da antipolítica, também fomentada por *think tanks*<sup>5</sup>, como o Movimento Brasil Livre etc.

Rocha (2017), em uma análise sobre a nova geração de liberais brasileiros, aponta como esses ideais, de matriz neoliberal, tem se disseminado no Brasil. O percurso histórico retoma o ano de 1991, quando a Revista Notas, de publicação mensal, com o apoio da organização norte-americana CIPE (*Center for International Private Enterprise*) versava “[...] sobre análise de leis e procedimentos constitucionais e era distribuída para tomadores de decisão” (ROCHA, 2017), principalmente nas decisões de parlamentares brasileiros.

As ideias do capitalismo popular e do livre-mercado, as transformações ideológicas e econômicas adotadas por Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e por Margareth Thatcher, na Inglaterra, passaram a ser difundidas em todo o globo (ROCHA, 2017), não se limitando apenas à esfera econômica, mas penetrando na tessitura social de muitos países, alterando as paisagens sociais, culturais, políticas. Assim, tem-se o “Neoliberalismo como a ‘nova razão do mundo’, que atravessa todas as esferas da existência humana para além da econômica” (SOLANO, 2018, p. 07) e

---

<sup>5</sup>Compreensão dos “*think tank*” – traduzidos literalmente como ‘tanques de pensamento’ ou ‘centros de pensamento’. Através dele os intelectuais produzem, sistematizam e difundem teorias sobre estratégias de saída da crise do capital de acordo com os interesses do próprio capital, transformar interesses privados em interesses públicos, universais” (ROCHA, 2017).

produz uma sociabilidade de conservar o *status quo* com o falseamento da liberdade meritocrática.

Todavia, era necessário um *modus operandi* diferenciado para que o ideário liberal-conservador circulasse e se tornasse influente. Dessa forma, com a expansão do acesso à Internet, em vez de empresários e quadros da elite, uma nova geração de jovens universitários, com linguagem humorística, publicação de *memes*, começaram a compor a *performance* dos *think tanks*, direcionando o debate político para esse meio (ROCHA, 2017).

Se antes o objetivo central dos *think tanks* liberais era o de influenciar formadores como elites governamentais, empresários e professores universitários agora existe uma preocupação em atingir, além dos próprios estudantes universitários e de escolas primárias e secundárias, setores mais amplos da sociedade. De acordo com Bernardo Santoro, os militantes do movimento liberal têm procurado abandonar uma linguagem elitista em prol de um discurso mais popular, porém mais descontraido em comparação com o trabalho realizado nesse sentido pelo Instituto Atlântico. (ROCHA, 2017).

A complexidade da política, da economia, das relações sociais começou a ser traduzida em uma linguagem simples, descontraido, aparentemente espontânea e, sobretudo, com um discurso que encontrou ancoragem e, por isso, fez sentido para os seguidores. Assim, percebeu-se que se poderia encontrar adesão e influenciar ideias e decisões políticas, manuseando as ferramentas de produção de sentido de que muitos *vloggers* e *youtubers* (*digital influencers*)<sup>6</sup> se servem para ampliar ainda mais a produção frenética de (in)formação em tempos de mídias digitais.

Assim, um controle muito mais elaborado e imperceptível começou a assolapar uma consciência crítica e política, em favor de uma leitura fragmentada e imediatista da realidade, em uma sociedade cada vez mais conectada, que divide a formulação da política com a rotina agitada do dia a dia<sup>7</sup>. Assim, o pensamento

<sup>6</sup>Em outro momento, estudar-se-á essa linguagem específica dos meios digitais, da qual Bolsonaro lança mão para compor sua imagem pública. Também não se quer nem tratar a temática como um ciberpessimismo, nem como um ciberotimismo.

<sup>7</sup>Sobre a percepção e valores políticos, “Os entrevistados têm, no geral, rotina agitada e sufocante e, portanto, a formulação acerca da política não é a prioridade no cotidiano. Assuntos debatidos com mais frequência são aqueles que estão na pauta da grande mídia, que continua sendo uma das principais fontes de informação da maioria, como casos de escândalo de corrupção, Operação Lava Jato ou debates sobre as recentes eleições municipais. Quando questionados sobre assuntos mais

*popular* sobre o que é Economia, sobre a História, sobre as Ciências Sociais vem, porém, “disputando” espaço com o campo *científico* da academia. Campo este que vem sendo posto em suspeição, tanto por autores de filiação acadêmica, como Luiz Pondé e Rodrigo Constantino, que alegam ser a academia espaço hegemonicamente de esquerda, como por influenciadores digitais, a exemplo do filósofo autodidata Olavo de Carvalho, que denuncia as universidades como uma organização criminosas de esquerda.

Para estes, o regime de verdade das academias mentiu sobre a Ditadura Civil-Militar brasileira de 1964-1985, em “uma falsificação esquerdista” com *status* de academicismo (CARVALHO, 2004), pois, apesar da tortura que a esquerda sofreu, ainda saiu vitoriosa no monopólio das narrativas, nas universidades, na mídia, na política, na arte, na cultura, mas percorrendo só o único “caminho da roça” conhecido: Hegel, Marx e Foucault (PONDÉ, 2016a).

A produção de conteúdo, com isso, passa por uma nova configuração descentrada, fluída: a pós-verdade. Assim, o termo pode ser interpretado como um investimento que tem por intuito valorizar uma verdade pessoal como absoluta, aquela que ratifica a visão de mundo do enunciador, em uma busca da adaptação da teoria precisa à realidade individual. Compreende-se o termo como primordial na atualidade, mediada pela comunicação digital, com um papel sócio-político relevante, fabricando subjetividades, produzindo efeitos de real, certificando os dizeres cotidianos.

Como não há enunciado livre, neutro, além disso, como não existe um sentido *a priori*, este é construído nas práticas discursivas; o investimento desses enunciados, que se sobrepõem a outros, tem um intuito que é político, tem uma construção que busca o poder e a produção de saber, um discurso ideológico de uma parte da direita conservadora que paradoxalmente se propõe ser contraideológico, ser neutro.

Desse modo, um relevante número de sujeitos sente-se à vontade para produzir verdades, saberes, poder, *fake news*, pós-verdades, usando critérios nos quais os analistas (sociais, do discurso) ainda precisam se deter para compreender mais profundamente sobre a tentativa de ruptura epistemológica com o saber acadêmico, sobre a relevância dos novos meios de comunicação, a sensação de empoderamento de

---

complexos ou definição de conceitos políticos, tinha-se a impressão, para a maioria, de que era a primeira vez que construíam uma argumentação sobre aqueles temas” (PERSEU ABRAMO PESQUISAS, 2017).

quem produz os conteúdos nas mídias sociais, a utilização de linguagem apelativa, em que a forma é mais importante do que o conteúdo, em uma estética ciberativista que visa à “lacrção”, à “gozação”, ao politicamente incorreto, apresentando-se como *pop*, vanguarda. E essas características também fazem parte da estratégia que constrói uma nova direita neoconservadora<sup>8</sup>.

Na percepção desses representantes da direita neoconservadora, os meios de comunicação, as instituições de ensino, as ciências humanas e a produção de conhecimento são compreendidos como hegemonicamente à esquerda. Uma esquerda que domina, há décadas, a imprensa, com um intuito “gramsciano” de tornar a população socialista/comunista sem que ela perceba, obscurecendo o fato de que os maiores veículos de informação e circulação hegemônica do Brasil “[...] assumem claramente posicionamentos político-ideológicos e partidários de direita e que servem aos interesses de uma elite simbólica conservadora” (RECHETNICOU e VIEIRA, 2017, p. 06).

Sobre a denúncia do domínio de esquerda nas instituições de ensino superior, Feres Júnior (2017) lembra que o mesmo mote do politicamente correto foi usado como subterfúgio para denunciar um suposto cerceamento do pensamento livre nas universidades norte-americanas no século passado. Percebe-se, portanto, que os representantes do conservadorismo liberal brasileiros usam a mesma retórica caduca de um intelectual conservador norte-americano, Allan Bloom, que, no ano de 1987, lança um livro manifesto contra o relativismo moral que, segundo Bloom, estava destruindo a liberdade de pensamento dentro das universidades.

No contexto brasileiro, Singer (2012) lembra que, no final dos anos 1970 e começo dos 1980, realmente quase não se encontravam pensadores, articulistas e ideólogos que tomassem posições abertamente de direita, sobretudo por causa do ônus da ditadura brasileira: “Estávamos sob hegemonia política da direita, mas no plano cultural a hegemonia da esquerda continuou e até se acentuou no final dos anos 1970 [...], começo dos 1980”. Com a onda neoliberal no mundo, um conjunto de políticas não apenas governamentais, mas uma concepção de mundo começa a ganhar corações e mentes: “Finalmente, entre o fim dos anos 1980 e começo dos 1990, o neoliberalismo entrou no Brasil” (SINGER, 2012).

---

<sup>8</sup> Essa nova direita conservadora é por nós nomeada de “direita alternativa brasileira”.

Cunha (2015) frisa que atualmente se presencia um investimento de divulgação dos ideais conservadores no mercado editorial brasileiro<sup>9</sup>, tributário do conservadorismo anglo-saxão e também com bases no neoliberalismo; além de nos meios de comunicação tradicionais (colunistas da *Folha de S. Paulo*, da *Gazeta do Povo*, programas culturais de auditório como *Café Filosófico CPFL*) e na atuação dos *think tanks*.

Desse modo, na fusão conteúdo *versus* forma, a atuação entre o Estado mínimo e o conservadorismo passa a ser o norte do MBL (Movimento Brasil Livre), de Reinaldo Azevedo, de Rodrigo Constantino, de Luiz Felipe Pondé e de João Pereira Coutinho, alguns dos representantes mais influentes da ideologia liberal-conservadora do Brasil. Um processo de hegemonia que vem se construindo ao longo de décadas (SILVA, 2017).

O MBL, um dos principais *think tanks* brasileiro, surgiu na defesa da liberdade econômica, mas logo se rendeu à necessidade de tutelar os costumes, como no famoso caso do *Queermuseum*. Feres Júnior (2017, s/p.) coloca o MBL “[...] como o principal *hub* das redes sociais, fazendo fusão entre neoliberalismo e conservadorismo de valores”, isso em uma manobra político-ideológica encabeçada com fins eleitoreiros, já que a agenda neoliberal é historicamente pobre de votos no Brasil<sup>10</sup> (FERES JÚNIOR, 2017).

Nas palavras de Solano (2018, p. 07),

No Brasil, um claro exemplo é a dinâmica das guerras culturais fomentada pelo grupo neoliberal MBL (Movimento Brasil Livre), que insiste em polêmicas moralistas como as do *Queermuseum* ou a suposta pedofilia do MAM, a fim de aumentar sua base de apoio. Moralismo fundamentalista e inquisidor que se une a um discurso de negação e demonização da política tradicional.

É importante frisar que a lista quantitativa de *think tanks*, no Brasil, saltou de sete instituições, em 2008, para 23, em 2016 (FLORES, 2017), ajudando a

---

<sup>9</sup> Cunha (2015, p. 12) afirma que há “[...] crescente interesse no mercado editorial no Brasil não apenas pela publicação de autores que se filiam ao pensamento conservador, mas uma literatura explicitamente propagandista, produzida com o intuito de divulgar algumas das ideias mais caras ao conservadorismo”.

<sup>10</sup> A vitória de Bolsonaro para presidente do Brasil requer que a afirmação do neoliberalismo como agenda pobre de votos seja melhor refletida.

influenciar, como já foi dito, ideias e decisões políticas, sobretudo capturando o voto de uma fração dos religiosos neoconservadores e incorporando a pauta moralista.

Olavo de Carvalho também é um fenômeno das redes sociais digitais. Autodenominando-se de o “parteiro” da direita brasileira, “[...] é um desses anticomunistas ardorosos que se viram privados de seus moinhos de vento com a derrocada do comunismo, mas que continuam com a sua catilinária habitual porque é só isso que sabem fazer” (SILVA, 2004, p. 09).

Influenciador do clã bolsonarista<sup>11</sup>, Olavo de Carvalho resgata velhos temas da direita norte-americana, presentes já nas décadas de 1980 e 1990: a dominação das universidades, o politicamente correto, o marxismo cultural, a revolução gramsciana, a ideologia globalista, o terrorismo cultural etc. Esses são temas que povoam os artigos de Olavo de Carvalho há décadas.

Além do combate ao “comunismo”, ao “bolivarianismo”, à corrupção, temas que representam o que há de mais conservador em pleno século XXI (SOARES, 2017), David Magalhães (2018) também adverte que “[...] elegeram os novos inimigos a serem combatidos: acadêmicos, a grande mídia, ativistas de direitos humanos, ambientalistas, feministas, etc.”, já que esses inimigos têm o intuito de, segundo essa direita conservadora, “[...] substituir as culturas tradicionais por uma moral secular, cosmopolita e esquerdista”.

Diferenciando-se de outros pensadores da direita conservadora por eleger o insulto como parte da *performance* argumentativa, por seu ideário reacionário, por seu catolicismo fundamentalista, por sua obsessão por armas de fogo, por sua produção de teorias conspiratórias<sup>12</sup> e de uma espécie “peculiar” de revisionismo historiográfico<sup>13</sup>, pela suposta combinação de erudição insólita atrelada aos léxicos de conotação sexual, Olavo de Carvalho se envaidece ao afirmar que seus livros encorajaram outros conservadores a saírem do armário (FELLET, 2016).

A partir dos epítetos de “pai espiritual da direita” e de “Olavo tem razão”, o escritor soube utilizar-se da Internet para se projetar. Com contas no *Facebook*, no *Twitter* e no *YouTube*, os seguidores de Olavo de Carvalho, chamados de “olavetes”,

---

<sup>11</sup> Compreendem-se por bolsonaristas aqueles que fazem parte da comunidade simbólica que tem em Jair Bolsonaro o representante mor de modelo de capital político.

<sup>12</sup> Como exemplo, a teoria de que o Partido dos Trabalhadores (PT) tem um projeto, a partir de entidades como o Foro de São Paulo e a URSAL, de implantar um regime ditatorial bolivariano no Brasil (FELLET, 2016).

<sup>13</sup> Olavo de Carvalho é adepto de revisões teóricas, entre elas a de que a Inquisição nunca existiu, sendo uma invenção dos protestantes (FELLET, 2016).

descobrem nos cursos virtuais, ministrados por ele, o “verdadeiro” intelecto da história da ciência e da filosofia, e aprendem a preservar a “alta” cultura brasileira e a “formar” uma nova elite intelectual no país (FELLET, 2016).

Essa chamada nova elite intelectual, sobretudo composta, conforme Ghani (2018), de formadores de opinião, como Felipe Moura Brasil, Alexandre Borges, Felipe Martins, Danilo Gentili, Nando Moura, Flávio Gordon, Lobão, Joyce Halssemann – antes de romper com Jair Bolsonaro –, Bene Barbosa, Flávio Morgenstern, entre outros, passa a replicar a luta de Olavo: um combate ao domínio psicológico e cultural da esquerda sobre as massas no Brasil.

Assim, Olavo pode ser posto como um influente representante de uma direita alternativa, que vem se construindo e se declarou, no Brasil, com a candidatura de Jair Bolsonaro para a Presidência da República em 2018.

[...] o certo é que esta *alternative-right*, *direita alternativa* (categoria utilizada para diferenciá-la da direita tradicional), que se declarou politicamente para o mundo depois da eleição de Trump, tem algumas características que vale a pena destacar: o combate direto a questões identitárias (antifeminismo, por exemplo) como defesa de uma identidade masculina, heterossexual e cis, claramente antipluralista, que parece estar sob ataque; o combate ao conhecimento científico, a utilização de fake-news e a exploração do senso comum na dinâmica da pós-verdade demagógica, que entende o adversário político como inimigo a aniquilar; narrativas antipolíticas e estimulação do descrédito institucional e político e o sentimento de repúdio e vergonha (a política não serve, a política é corrupta, suja) e apresentação como anti-mainstream, outsiders e anti-establishment; utilização do discurso de ódio legitimado como sendo liberdade de expressão; banalização do ódio ou apresentando-o com roupagem juvenil, folclórico, “memeficado”; proximidade com os “perdedores da globalização”, as classes médias e também as classes populares, estas últimas que, tradicionalmente, votaram em partidos de esquerda, mas que hoje se sentem traídos por estes mesmo partidos; teatralização, utilização das redes sociais como canais de comunicação e proximidade com a população; utilização de uma narrativa combativa contra as elites políticas e construção do discurso meritocrático do self-made man da centralidade do trabalho e esforço individuais (DROLET, 2014; HAWLEY, 2017; URBAN, 2014 apud SOLANO, 2018, p. 9-10, grifo do autor).

Sistematizando alguns dos pontos salientados por Solano (2018), pode-se destacar que algumas características foram encontradas na eleição presidencial de 2018, como: 1) o combate ao pluralismo, especialmente de gênero e da diversidade sexual, como pode ser averiguado na pesquisa realizada pelo IDEIA Big Data/Avaaz, que divulgou que 83,7% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram no famigerado *kit gay* (PESQUISA..., 2018); 2) a disputa de narrativas explorando o senso comum, a pós-verdade, as *fake news*, conforme pesquisa realizada pelo jornal britânico *The Guardian*, que informou que Bolsonaro foi beneficiado por *fake news*: em uma amostra de 11.957 mensagens analisadas, 42% dos conteúdos, com viés de direita, possuíam informações falsas, enquanto os de conteúdos de esquerda apresentaram 3% de falseamento (MILITÃO, 2019); 3) a estimulação paradoxalmente política da antipolítica e a busca por *outsiders*, como demonstra a pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos, a pedido da UFPE, em que 82% dos entrevistados relataram rejeitar os velhos políticos e asseguraram que buscavam candidatos fora do *establishment* (MARQUES, 2017); 4) o crescimento do discurso de ódio como liberdade de expressão, banalizando o ódio em uma linguagem supostamente humorada, o que foi apontado pelo levantamento da ONG Words Heal the World, afirmando que o Brasil registrou 12.098 crimes de ódio em 2018 (BRASIL..., 2019); e uma das principais novidades 5) a utilização das redes sociais como canais de comunicação, como a publicação do Poder 360, que alega que em nove meses o número de seguidores de Bolsonaro cresceu 90%, embora também a mesma notícia indique que 33,8% dos seguidores até aquele momento eram *bots* (programas de computadores criados para exercerem determinadas funções) (GOMES, 2018).

Nas palavras de Lacerda (2019, p. 17-18),

A nova direita é aquela em torno da família tradicional, do anticomunismo e do militarismo; e de valores de mercado, nesse aspecto com várias nuances. Diferente de outras articulações conservadoras, o eixo de gravidade do neoconservadorismo norte-americano – e do novo conservadorismo brasileiro – é a atuação da direita cristã baseada na ideia de que a família – e não Estado – é a resposta para toda ordem de disfunções sociais. Outro diferencial é uma dinâmica específica de reação. Quando os movimentos feministas e LGBT ganharam espaço na sociedade e chegaram a ter algumas demandas institucionalizadas, a reação a essas pautas, justificada na defesa da família tradicional, passaria a ser o eixo dessa ação política cada vez mais radicalizada. Isso nos Estados Unidos há quarenta anos e contemporaneamente no Brasil.

Desse modo, percebe-se que essa direita alternativa internacional, retratada por Solano (2018) e Lacerda (2019), também pode ser visualizada a partir da simbiose com o neoconservadorismo brasileiro contemporâneo. Um neoconservadorismo que, ainda segundo Lacerda (2019), foi se instituindo no Brasil a partir de 2015, e cuja centralidade reside nas questões sobre família, sexualidade e reprodução, com causas que serão estudadas ainda por muito tempo. Por hora, pode-se dizer que o neoconservadorismo tem pontos de regularidade, pois não é algo surgido de repente, nem muito menos um fenômeno do passado que se apresenta anacronicamente. Há também pontos de fuga, peculiaridades, vindos, sobretudo, do impacto do mundo *online*, do horizonte neoliberal, do combate a questões identitárias, do extremismo da direita, das violações democráticas e constitucionais etc.

Olavo de Carvalho, como representante desse movimento, alega: “Não trabalho para a direita brasileira. Eu a inventei, porra” (CARVALHO, 2018). Assim, ele parte do pressuposto da dominação de esquerda em todas as esferas públicas no Brasil, e com ele a genuína direita surge<sup>14</sup>. Com isso, apenas ele e seus “olavetes” são fidedignos e legítimos representantes da direita; fora esses, todos os outros são comunistas, logo, um inimigo em comum que precisa ser combatido/abatido.

Em um periódico jornalístico *online*, Olavo de Carvalho apresenta um conjunto de critérios para se reconhecer uma política conservadora. Entre os seis princípios elencados, (todos fazendo parte do mesmo grupo semântico, isto é: a recusa daquilo que o professor chama de mentalidade revolucionária) o ponto três resume o que ele entende por política conservadora, salientando que “[...] a democracia é, portanto, essencialmente hostil a qualquer projeto de mudança profunda e irreversível da ordem social, *por pior que esta seja em determinado momento*”, e conclui que não é exagero nenhum afirmar que a mentalidade revolucionária é o maior flagelo da humanidade e que aqueles que se recusam a enxergar isso são os monstros de insensibilidade (CARVALHO, 2011, grifo nosso). Ainda, quem ousa a pensar “[...] diferente dele é classificado nas categorias ‘canalha’, ‘idiota’ e ‘imbecil’”, assim, o ideólogo da “nova velha direita do Brasil” (PAIVA, 2018, p. 31) trouxe (e traz) um choque de realidade conservadora e antipetista para a sociedade brasileira, sem a qual Bolsonaro Presidente, provavelmente, não existiria (GHANI, 2018).

---

<sup>14</sup> Esse fenômeno da interferência de Olavo de Carvalho ainda precisa ser mais estudado.

Depois desse percurso, percebem-se algumas diferenças entre o ponto de ancoragem de Olavo de Carvalho e o cerne filosófico da política conservadora da qual Luiz Pondé é filiado, por exemplo, que é a defesa do liberalismo enquanto uma espécie de “princípio de vontades e possibilidades individuais”, a rejeição de fundamentos religiosos, teológicos ou metafísicos, a negação da existência de grandes líderes, a argumentação de que o afeto individual é marcado por ceticismo e por uma visão trágica da vida e a preservação das estruturas sociais e políticas, uma vez que o homem é incapaz de ser perfeito.

Assim, à medida que se reconhece a falibilidade humana e os limites da ação política, a principal virtude passa a ser a prudência, manter as estruturas como estão, já que a atual ordem existente é importante, sendo, portanto, mais fácil destruir coisas do que criá-las (SCRUTON, 2014). Na avaliação de Pondé (2017), é errôneo atrelar o conservadorismo a formas reacionárias, ao moralismo de costumes ou a posturas autoritárias.

Já o neoconservadorismo de Olavo de Carvalho é reacionário, moralista, fundamentalista, autoritário, salvacionista, religioso dogmático, com uma linguagem performática que tem ajudado a alterar a gramática da direita brasileira.

Sendo assim, é importante frisar que conservador, evangélico, esquerda, direita etc. não são grupos uniformes, homogêneos. Holanda (2016), por exemplo, em uma análise dos programas partidários de 32 partidos registrados no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) até a realização das eleições de 2014, retomando as características conferidas por Maria Teresa Gonzaga Alves, destaca que, dentro do espectro ideológico da direita, pode-se perceber uma “pluralidade” da direita: uma mais ideológica e mais politizada, que defende os interesses do *laissez-faire* e que muitas vezes não se denomina de direita, mas é anti-esquerda; outra mais populista, personalista, apolítica, defendendo formas autoritárias de agir no espaço político: “conservadorismo não-elitizado”. Assim como são variados os conservadorismos, também os são as direitas, os evangélicos, os católicos.

A partir das reflexões aqui explicitadas sobre o conservadorismo da tradição anglo-saxônica e sua “importação” para os disseminadores brasileiros, como ilustrado nas percepções de Pondé e Carvalho, é importante pontuar que não existe um conservadorismo único, muito menos universal. Pode-se inferir que o nascedouro pode até ser o mesmo, mas a manifestação se modifica, é dinâmica, é plural. Uma simbiose de elementos.

Desse modo, o conservadorismo de Scruton não é igual ao de Pondé, que não é o mesmo que o de Olavo de Carvalho<sup>15</sup>. O conservadorismo da década de 1964 não é idêntico às manifestações de protesto de 2013, que, por sua vez, não são exatas à bolsonarização de 2018. É preciso atentar para a sociedade, a estrutura, os grupos políticos. Há conservadorismos, no plural, o que significa que se levam em considerações variáveis múltiplas, em um longo trajeto de compreensão do conservadorismo e, conseqüentemente, de seus principais representantes.

Com isso, o constructo teórico do conservadorismo como da Política do Ceticismo, da visão trágica da vida, da rejeição dos fundamentos religiosos, do individualismo, da abominação ao abstracionismo e à especulação etc., não se concebe, no Brasil, da mesma forma em que é concebido no contexto europeu, nem do século XX igualmente ao do século XXI.

Há que se considerar a luta entre interesses antagônicos, o contexto social de produção, a linguagem que é mobilizada, a produção de subjetividades, embora não se negue que há predominância de algumas características, o acanhamento de outras e a ressignificação de mais outras, sempre à espreita na oportunidade para aflorar.

### **Considerações finais**

A compreensão de como se pensa a sociedade e a si mesmo, de como as tradições são construídas, de como as crenças são instituídas é objeto das Ciências Sociais. Uma atividade cuja busca pretende entender a realidade, afastar-se das simplificações, do imediatismo.

É fato que certas dinâmicas sociais são difíceis de serem operacionalizadas. É necessário tempo, reflexão, acuidade, rigor, sistematização. Assim, compreender os conservadorismos brasileiros da contemporaneidade à medida que as narrativas vão sendo produzidas, vividas e experienciadas, é atividade complexa, especialmente quando as nomenclaturas alastram-se, povoando das conversas do cotidiano aos espaços acadêmicos.

Por circularem de forma relativamente ampla e popularizada, tem-se a impressão de que são termos autoexplicativos, simplórios, atemporais. Todavia, o olhar mais atento registra que se está diante de um fenômeno complexo, principalmente devido às transformações societárias. Tem-se, desse modo, uma

---

<sup>15</sup> Utilizam-se as reflexões de Luiz Pondé e de Olavo de Carvalho para ilustrar o conservadorismo de reconhecidos representantes brasileiros, mas desde já é preciso salientar que há outros nomes tão ou mais relevantes do que os escolhidos. A escolha foi apenas um recorte didático.

problemática de caráter teórico, empírico e aplicado.

Portanto, é importante empreender a revisitação dos mapas conceituais, a fim de verificar se os conceitos ainda possuem pertinência e, conseqüentemente, se há aplicabilidade na realidade concreta.

Sendo assim, depois do percurso deste trabalho, compreende-se que se está, atualmente, diante de uma paleta de conservadorismos. Com isso, defendemos a ideia de que o conservadorismo é plural, o que significa que se levam em consideração variáveis múltiplas. Além disso, na reflexão sobre as configurações dos conservadorismos brasileiros contemporâneos, entende-se que há relações intrínsecas com a formação social e cultural da sociedade brasileira, apresentando-se nos pontos de regularidades sem perder de foco os pontos de fugas.

Nesse início do século XXI, sobretudo a partir da década atual (2010-2019), os termos *direita* e *conservador* foram muito mobilizados como atalhos informacionais, especialmente na eleição de Jair *Messias* Bolsonaro. Compreendeu-se também que o conservadorismo e a direita não são instrumentos instaurados com Bolsonaro, como seus apoiadores reivindicaram.

Todavia, não se pode negar que o personagem político em pauta capitalizou o fenômeno na construção de sua *performance*, e, por isso, se considera o termo *bolsonarização* como uma tipologia operacional na compreensão de uma dinâmica social que atrela direita alternativa brasileira e neoconservadorismo.

Sendo assim, “É um grande erro caricaturar ou desestimar a importância de um fenômeno [Bolsonaro] que tem densas raízes sociais e tem pouco de trivial ou transitório” (SOLANO, 2018, p. 26). Dessa forma, não se pode relegar esse fenômeno da bolsonarização, nem minimizar os seus efeitos. Jair *Messias* Bolsonaro parece representar os interesses de uma parte da sociedade ressentida e inconformada por ver seus espaços de atuação pública, cultural, social e econômica serem paulatinamente povoados por grupos “subalternos”, como gays, lésbicas, travestis, transexuais, em ascensão e visibilidade. Isso sem fazer menção aos negros, mulheres, favelados etc., de tal sorte que aciona o neoconservadorismo em forma de ressentimento, ódio, preconceito, para alguns claramente perceptível, para outros de modo camuflado.

Portanto, a homoafetividade, por exemplo, e toda e qualquer publicização sobre ela deve ser proibida, extinta, expurgada, como se imprimir-lhe visibilidade causasse a total e completa desestabilização do social, da moral e dos costumes vigentes. Inviabilizá-los ou tornar seu aparecimento altamente regulado é visto como solução, já que remodelar o campo da visibilidade social parece ser inaceitável e muito

perigoso.

Dessa forma, política é linguagem, logo é signo, é símbolo, é performatividade. Jair Bolsonaro vem construindo a sua retórica a partir da obediência a uma gramática fixa, rígida, neoconservadora, em que a diversidade encontra espaços de cerceamento, o diálogo é silenciado e as transformações parecem não fazer sentido.

Nesse cenário rígido e inflexível desenhado, a igualdade e a justiça social têm dificuldade para contracenar. Quer-se, portanto, um tecido social que não seja “sujo” de alteridade, imprevisibilidade, irregularidade. A retórica do *kit gay*, por exemplo, foi um dos pontos de inflexão que a direita alternativa brasileira, através de um processo de bolsonarização e do neoconservadorismo, utilizou para mobilizar afetos, fabricar o medo, o pânico moral.

Jair Bolsonaro capitalizou uma linguagem que encontrou adesão na sociedade e, portanto, fez sentido para um grupo de pessoas que se sente conectado cognitivo, emotivo, performática e simbolicamente. A busca por uma cultura da ordem social, nesses cenários de conservadorismos religiosos, como um ideal que precisa renascer, e que foi tônica da construção da imagem pública política de Bolsonaro, com o chamativo de “Muda, Brasil”, deve ser investigada.

Por hora, pode-se afirmar que o conservadorismo não é uma categoria homogênea. Como salientado, o conservadorismo de Scruton não é igual ao de Pondé, que não é o mesmo de Olavo de Carvalho. Também não é igual ao da década de 1964, como não é idêntico às manifestações de protesto de 2013, ou à bolsonarização de 2018.

Pode-se afirmar que houve uma variedade de espectros de direitas e de conservadorismos na adesão ao presidente eleito em 2018, os quais, vale salientar, não são todos de atitudes fascistas, nem conservadores fundamentalistas, embora não se possa deixar de considerar que há um espectro de direita (a direita alternativa) e de conservadorismo (o neoconservadorismo) que comungam com os ideais antidemocráticos e autoritários, disputando uma versão do passado da ditadura brasileira, redefinida, positivada, convocada, silenciando uma memória de rejeição ao período.

Há também um combate ao conhecimento científico, por ser considerado de esquerda; assim, explora-se o senso comum, a projeção das pós-verdades e a fabricação de *fakes news*. E esse “conhecimento alternativo e revisionista” tende a ser propalado, pois as redes sociais são os meios de comunicação e de informação de

bolhas que se retroalimentam, que produzem modos de sociabilidades específicos, comunidades de pertencimento que se unem, pois a mídia (rádios, jornais impressos e televisivos) é tida, por esses grupos, como de esquerda e conivente com um projeto conspiratório de marxismo cultural.

Marxismo cultural esse, aliado ao politicamente correto, que tem sido lido como perigo, já que tem posto em risco as “estruturas naturais e sagradas”, por isso o combate ferrenho a questões identitárias, ao vitimismo e ao *mimimi*, que têm dividido a sociedade (brancos *versus* negros, homem *versus* mulher, heteros *versus* homos), com diferenciações que não primam à liberdade, além de alterar o cenário do que é certo e errado, do que é aceitável e aberração, do que é livre expressão e censura.

---

■ Elizabeth Christina de Andrade Lima é Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora Titular de Antropologia da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: ecalima@terra.com.br.

■ Isabelly Cristiany Chaves Lima é Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: isabelly.uepb@gmail.com.

---

## Referências

- ALENCAR, Gustavo Patrício. Neoconservadorismo religioso em grupos protestantes. In: *Simpósios da ABHR*, 14., Juíz de Fora, 2015.
- BARROCO, Maria Lúcia S. Não passarão! Ofensiva neoconservadorismo e Serviço Social. *Serviço Social & Sociedade*, n. 124, p. 623-636, out./dez. 2015.
- BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução de Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL registra mais de 12 mil crimes de ódio em 2018. *Ecodebate*, 21 out. 2019. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2019/10/21/brasil-registra-mais-de-12-mil-crimes-de-odio-em-2018/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- CARVALHO, Olavo de. *[Texto em imagem]*. 22 nov. 2018. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/BqfCzD\\_FLTu/](https://www.instagram.com/p/BqfCzD_FLTu/)>. Acesso em: 14 dez. 2018.
- CARVALHO, Olavo de. *Princípios de uma política conservadora*. 2011. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/principios-de-uma-politica-conservadora/>>. Acesso em: 30 out. 2018.

- CARVALHO, Olavo de. *Resumo do que penso sobre 1964*. 2004. Disponível em: <<https://direitasja.com.br/2013/07/02/resumo-do-que-penso-sobre-1964/>>. Acesso em: 23 out. 2018.
- CUNHA, Luis. A retórica conservadora no Brasil contemporâneo e a produção de identidades políticas. In: *Congresso Brasileiro de Sociologia*, 17., Porto Alegre, 2015.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Religião e Política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. *Perseu*, ano 7, n. 11, 2016.
- DANTAS, Marcella Moara Medeiros. *Neoconservadorismo e as implicações e desafios à luta feminista*. 2016. 68 p. Monografia (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- D’AVILA, Leonardo. Como o diabo foge da cruz: ensaística neoconservadora e dispensa religiosa. *IPOTESI*, v. 19, n. 2, p. 53-68, jul./dez. 2015.
- DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável público... Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. *Novos Estudos*, n. 97, p. 43-55, nov. 2013.
- FELLET, João. Olavo de Carvalho, o “parteiro” da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias. *BBC News*, 15 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- FERES JÚNIOR, João. Esquerda, direita e o politicamente correto: breve estudo comparado. *Revista USP*, n. 115, p. 51-66, out./nov./dez. 2017.
- FLORES, Paulo. O que são think tanks. E como eles influenciam na política. *Nexo*, 01 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/01/O-que-s%C3%A3o-think-tanks.-E-como-eles-influenciam-a-pol%C3%ADtica>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- GHANI, Alan. Não existiria Bolsonaro presidente sem Olavo de Carvalho. *Infomoney*, 31 out. 2018. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/blogs/economia-e-politica/economia-e-politica-direto-ao-ponto/post/7742179/nao-existiria-bolsonaro-presidente-sem-olavo-de-carvalho>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- GOMES, Renata. Em 9 meses, números de seguidores de Bolsonaro cresceu mais de 90%. *Poder 360*, 09 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/em-9-meses-numero-de-seguidores-de-bolsonaro-cresceu-mais-de-90/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- HENRIQUE, Guilherme. A nova onda conservadora no Brasil. *DW*, 05 dez. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/12/05/a-nova-onda-conservadora-no-brasil.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- HOLANDA, Mariani Ferri. As duas direitas no Brasil: uma análise sobre o espectro ideológico dos partidos políticos brasileiros. In: *Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política Ciência Política e a Política: Memória e Futuro*, 9., Belo Horizonte, 2016.
- IASI, Mauro L. *De onde vem o conservadorismo?* 15 abr. 2015. Blog: Blog da Boitempo, Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2015/04/15/de-onde-vem-o-conservadorismo/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.
- LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- MAGALHÃES, David. Quem tem medo do globalismo? *Estadão*, 17 nov. 2018. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-da-arte/quem-tem-medo-do-globalismo/>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

- MARIANI, Daniel; DUCROQUET, Simon. A expansão evangélica no Brasil em 2016 anos. *Nexo*, 06 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/11/06/A-expans%C3%A3o-evang%C3%A9lica-no-Brasil-em-26-anos>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- MARQUES, Carlos José. Os outsiders estão em alta para 2018. *Istoé*, 27 out. 2017. Disponível em: <<https://istoe.com.br/os-outsidere-estao-em-alta-para-2018/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- MILITÃO, Eduardo. Pesquisa que diz que fakenews favoreceram Bolsonaro é “fake news”, diz Onyx. *Uol*, 31 out. 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/31/pesquisa-the-guardian-fakenews-jair-bolsonaro-eleicoes-onyx-lorenzoni.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- PAIVA, Fred Melo. O Napoleão do Sanatório. *Carta Capital*, ano XXIV, n. 14, nov. 2018.
- PESQUISA mostra que 84% dos eleitores de Bolsonaro acreditam no kit gay. *Congresso em Foco*, 01 nov. 2018. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/eleicoes/pesquisa-mostra-que-84-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditam-no-kit-gay/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- PERSEU ABRAMO PESQUISAS. *Percepções e valores políticos nas periferias de São Paulo*. 2017. Disponível em: <<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/Pesquisa-Periferia-FPA-040420172.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2018.
- PONDÉ, Luiz Felipe. Liberal e conservador para além do senso comum. *Instituto CPFL*, 7 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.institutocpfl.org.br/2017/08/07/na-tv-ponde-fala-sobre-liberalismo-e-senso-comum/>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- PONDÉ, Luiz Felipe. Luiz Felipe Pondé: “A grande vítima da ditadura foram os liberais, e não a esquerda”. *Época*, 1 jul. 2016a. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/07/luiz-felipe-ponde-grande-vitima-da-ditadura-foram-os-liberais-e-nao-esquerda.html>>. Acesso em: 23 out. 2018.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *Conservadorismo Liberal*. 2016b. (1 min 27 s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GmDdJwR0pv4>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- RECHETNICOU, Amanda Oliveira; VIEIRA, Viviane. Gênero, Política e Mídia: uma análise da representação e identificação de Dilma Rousseff em reportagens do ano de 2016. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, Florianópolis, 2017. p. 01-11.
- ROCHA, Camila. Passando o bastão: a nova geração de liberais brasileiros. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 2 oct. 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/71327>>. Acesso em: 26 dez. 2018
- SAVIANI FILHO, Hermógenes. Conservadorismo, Liberalismo econômico e o caso brasileiro. *Lumen*, v. 1, n. 1, p. 60-80, 2016.
- SCHEEFFER, Fernando. Esquerda direita: velhos e novos temas. In: *Encontro Anual da ANPOCS*, 38., Minas Gerais, 2014.
- SCRUTON, Roger. O que é ser conservador? (7min 36 s). 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JKKihy3q2os>>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- SILVA, Carla Luciana Souza da. Mídia e ascensão conservadora. *Argum*, v. 9, n. 2, p. 172-182, maio/ago, 2017.
- SILVA, Jairo José da. Imposturas Intelectuais: algumas reflexões. *Natureza humana*, v. 6, n. 1, p. 87-99, jun. 2004.
- SINGER, André. Brasil, junho de 2013. Classe e Ideologias cruzadas. *Novos Estudos*, n. 97, p. 23-40, nov. 2013.

SINGER, André. Novas expressões do conservadorismo brasileiro. Entrevista por Luis Brasilino. *Le Monde Diplomatique Brasil*, v. 6, n. 63, 2012. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/novas-expressoes-do-conservadorismo-brasileiro/>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

SOARES, José Manoel Montanha da Silveira. A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. *Revista em Pauta*, v. 15, n. 39, p. 271-275, 2017.

SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. *Análise*, n. 42, 2018.

SOUSA, Nivaldo; CARAM, Bernardo. Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma DIAP. *Estadão*, 06 out. 2014. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

SOUZA, Jessé. *Radiografia do Golpe*: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

TOLEDO, José Roberto de. O Conservadorismo vai à faculdade. *Piauí*, 11 abr. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/grafico-conservadorismo/>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

VARES, Sidnei Ferreira de. Um fantasma ronda o Brasil: será o comunismo ou o benedito? *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos*, v. 4, n. 7, p. 132-141, 2015.

*Texto recebido em 24 de janeiro de 2020.  
Aprovado em 27 de fevereiro de 2020.*